

Será que o proibido é mesmo mais gostoso?

Especialistas analisam as motivações que levam as pessoas a gostar do que é proibido, desvendando o porquê de o ilícito provocar tanto fascínio e medo no homem

ADRIAN SAMSON



No senso comum, o proibido é mais gostoso porque o risco de ser pego produz adrenalina

LUIZA MUSSNICH E MAÍRA FREITAS



comportamento transgressor sempre exerceu fascínio sobre o homem – do mais libertino ao mais puritano –, de modo que, na literatura universal, por exemplo, muitos foram os autores que criaram personagens femininos adúlteros. Imortalizadas por Tolstoi, Flaubert, Eça de Queiroz e Machado de Assis, entre tantos outros, expressivas

protagonistas infieis personificaram a urgência de descumprir as leis sociais em que somos condicionados. Anna Karenina, Emma Bovary, Luiza e Capitu pagaram caro por desafiar os cânones da sociedade do século XIX. As heroínas transviadas tiveram, na morte, seu destino. Sufocadas por seus criadores, censurados ou temerosos da reação da sociedade, essas mulheres foram silenciadas pelo conservadorismo. Suas passagens pela literatura, porém, sinalizaram os sentimentos de desejo e

Flaubert

Madame Bovary

Préface de Maurice Nadeau

Divulgação

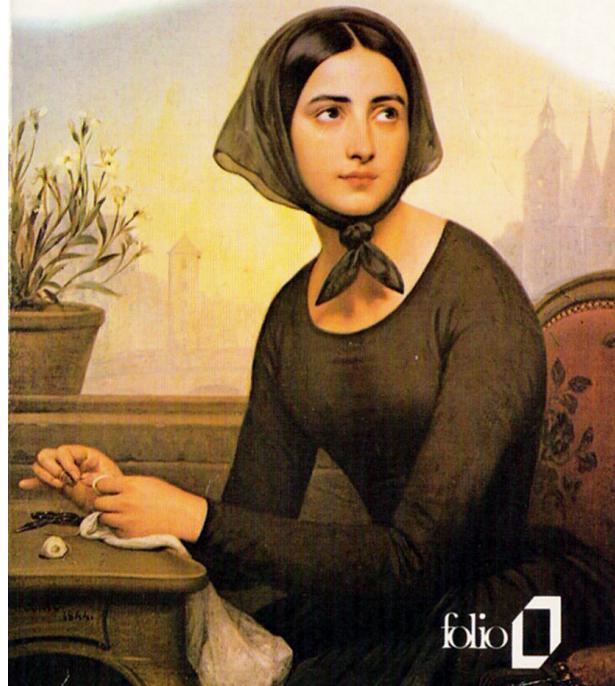
aventura que desafiam o sistema social da época. Nos dias de hoje, existem muitas outras proibições frequentemente burladas, a maioria delas por jovens, mas seria impossível dar uma medida estatística da incidência dos atos ilícitos. Mesmo obedecendo à lei, o ser humano vive transgredindo normas sociais e até as próprias regras a que ele se submete. Independentemente de idade ou sexo, contudo, atire a primeira pedra quem nunca fez algo proibido.

“Toda obra de arte é um crime não cometido”. As palavras do sociólogo Theodor Adorno explicitam como a relação entre arte e delito é imprescindível. A arte sempre desafiou a censura e as convenções sociais, políticas e religiosas que regem a vida em comunidade. É a partir da análise de transgressões e tabus que podemos questionar e repensar os valores simbólicos da sociedade. Desafiar o código, infringir normas e desobedecer a convenções morais são um aspecto fundamental do desenvolvimento da cultura e do aprimoramento da arte. É ela que leva à reflexão e se choca contra a ordem estabelecida, viabilizando a reciclagem de ideias e a renovação da estrutura social.

Não é novidade por exemplo, que o *graffiti* é comumente associado a vandalismo, delinquência e jovens de bairros pobres e classes sociais mais desfavorecidas. Alguns jovens *grafiteiros*, no entanto, se empenham, através de diversas estratégias de legitimação, em tentar transmitir uma imagem positiva, construtiva e artística dessa forma de expressão. Samantha, conhecida como Muleca no mundo do *graffiti*, é uma dessas. Ela conta que às vezes faz pinturas em muros sem pedir autorização, além de intervenções em portas de banheiros públicos e lixeiras. Para ela, *graffiti* é uma arte, e não um crime.

– O *graffiti* é uma troca. Gosto de doar minha arte para quem a quer, criando em espaços destinados a *grafiteiros* em eventos. Prefiro pintar em locais onde minha arte é valorizada, mas *graffitar* em locais públicos é uma forma de me expressar e mostrar minha arte, mesmo sabendo que é proibido, conta Muleca.

A psicóloga Julia Borges, baseada em *O mal-estar na civilização*, de Sigmund Freud, acredita que o homem precisa abrir mão de certos desejos para poder viver em sociedade. Segundo ela, se o



O comportamento transgressor sempre foi espelhado na literatura

ego, regulador da vida, é forte, a necessidade de fazer coisas proibidas é menor. Porém, quando os outros dois elementos que compõem a *persona* são instáveis, isso muda.

– Quando o id é muito forte, não há mediação entre o que você quer e o que você faz. Esse sujeito é guiado por um desejo desenfreado e sem limites, em busca de seu princípio de prazer. Mas quando essa pulsão é muito anárquica, o superego atua com forte repressão, explica.



As mulheres não tinham representatividade expressiva na sociedade machista do século XVIII



O descumprimento de convenções morais impulsionam certos processos de criação artística

Para Julia, o proibido desafia o superego.

– Numa avaliação clínica, pessoas muito regradas evidenciam um id impotente e latente. Daí a necessidade de controle excessivo por parte do superego. Elas têm medo de sair do controle. É como uma pessoa que resolve não beber por não saber se controlar. Para ela, beber pouco – o equivalente a ter um ego forte – é impossível. Nesse caso, seu id é completamente impulsivo e seu superego, muito repressor, afirma.

Para a nutricionista Patrícia Davidson, a relação entre alimentação, emagrecimento e proibição também estão ligados às três dimensões do sujeito.

– Muitas vezes, quando eu libero um alimento que antes era proibido a um paciente, ele acaba não o consumindo, com medo de não saber usufruir com parcimônia dessa nova “liberdade”, conta.

Já a bulimia exemplifica a ausência de um ego robusto e a força do id e do superego.

– O bulímico é aquele que não consegue ter controle sobre seu hábito alimentar, e por não saber lidar com sua falta de controle, desenvolve mecanismos bem específicos e controladores para revertê-lo, através de vômitos, na

maior parte dos casos, explica Patrícia.

A psicanalista Cristiane Pacheco considera superficial a afirmação de que “o proibido é mais gostoso”. Para ela, somos submetidos, desde que nascemos, às regras impostas pela sociedade. Cristiane acredita que o homem é imbuído de valores relativos ao que é certo e ao que é errado, e defende sua posição baseada na teoria freudiana do recalque:

– Podemos dizer que o *recalque* é uma interdição ancestral e que marca o nosso psiquismo. Esse material recalado contribui para a formação do inconsciente. O sujeito recalca exatamente ideias, fantasias e lembranças que não se ajustam à imagem que ele tem dele mesmo e do mundo. Ou seja, nós recalcamos para tentar esquecer o ato proibido que fizemos, explica.

Segundo a psicanalista, o psiquismo é tão forte que esses pensamentos insistem em retornar, numa tentativa de serem realizados, burlando a barreira que nos impusemos e nossa vontade de esconder aquilo que nos proibimos. Para Cristiane, nossa consciência freia nossos atos, mas eles aparecem sob a forma de atos falhos, sonhos e sintomas.

– Parece-me que nesse jogo de inconsciente/cons-



Distúrbios alimentares estão ligados à relação desregulada entre repressão e desejo

ciente, associados à história de cada um e ao seu momento de vida, os atos proibidos são recorrentes.

A psicanalista e professora da PUC-Rio Madalena Sapucaia não acha possível conferir veracidade ao ditado popular.

– O proibido não é necessariamente mais gostoso, e sim mais culpável. Na vida social, a neurose é a melhor forma de funcionamento do sujeito e também a mais comum. Somos todos neuróticos, e só um neurótico é marcado pela culpa, resultado da realização de um ato ilícito, afirma.

Madalena acredita que a proibição organiza a sociedade ao estabelecer campos de permissão e não permissão.

– Ao realizar o proibido, o adolescente testa sua lei interna e o quanto ele consegue se submeter a ela.

A psicanalista Tereza Nazar afirma que todo sujeito está na posição de desejante e que é no relacionamento com os pais que se estabelece uma série de regras que vão condicionar e limitar esses desejos.

– O desejo é aquilo que você não tem, é a base do sujeito. As leis do código penal são a personificação da lei subjetiva que é instaurada sobre todos nós. No cerne de toda posição de desejo existe uma lei que está sendo transgredida, esclarece.

São os desejos reprimidos que levam o sujeito a transpor condutas sociais e seus próprios limites. Essas restrições, na maioria dos casos, acontecem para que se obtenha a aprovação do olhar do ou-



A traição é uma das poucas proibições burladas por adultos



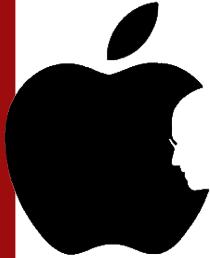
Burlar as proibições é algo que faz parte da adolescência, da necessidade de experimentar e de se posicionar como sujeito no mundo



Realizar uma proibição provoca prazer momentâneo seguido de sentimento de remorso

tro ou aceitação em um determinado grupo. Existem regras para tudo. Com ou sem consciência, todos nós as burlamos por prazer próprio.

Simbologia da maçã e seu suculento sabor de liberdade



A maçã é o fruto mais antigo do mundo. Consumida desde a época Neolítica, na pré-história, esse símbolo nunca esteve tão atual – representa a Apple, uma das marcas da atualidade de que desperta mais desejo e frisson entre os consumidores. Símbolo de poder e conhecimento – diz-se que Merlin ensinava seus discípulos sob uma macieira, mesma árvore debaixo da qual Isaac Newton teria formulado a teoria da gravitação – sua imagem é também indissociável de pecado e tentação. A ideia negativa da fruta se faz presente até no imaginário infantil, no conto de fadas dos Irmãos Grimm – a Branca de Neve –, quando a moça come uma maçã envenenada pela invejosa madrasta e só recobra a consciência com um beijo de seu príncipe encantado.

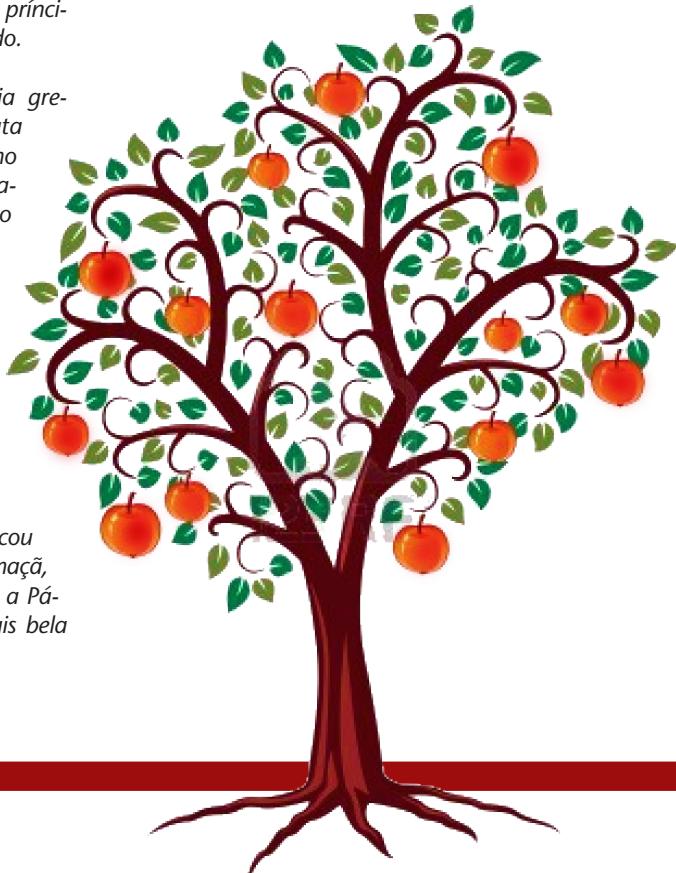


Olimpo, envia ao local uma maçã com a inscrição “para a mais bela”. Hera, Afrodite e Atena brigam pelo título, e o mortal Páris fica encarregado de concedê-lo a uma das três. Agraciada com o “pomo da discordia”, como ficou conhecida a maçã, Afrodite prometeu a Páris o amor da mais bela



mortal. A deusa sabia, entretanto, que esta era Helena, casada com o rei de Esparta, Menelau. Para cumprir a promessa, auxiliou Páris no rapto da rainha, o que, segundo a lenda, ocasionou a Guerra de Troia.

Causadora da discordia, maçã e mal, em latim, são a mesma palavra: *malum*. Na cultura cristã, o fruto metaforiza a tentação e é a herança do pecado da civilização ocidental. A partir do século XIII, a maçã tornou-se a principal representação de transgressão, por ter causado a expulsão de Adão e Eva do paraíso. A ingestão do fruto possibilitou ao homem atingir o conhecimento através do livre arbítrio.



Glossário

Id ou isso - Sigmund Freud utilizou essa expressão para designar o modelo de referência do eu, simultaneamente substituto do narcisismo perdido da infância e produto da identificação com as figuras parentais e seus substitutos sociais. A noção do ideal do eu é um marco essencial na evolução do pensamento freudiano, desde as reformulações iniciais da primeira tópica até a definição do supereu. No Brasil também se usa "ideal do eu".

Ego - eu, o indivíduo

Superego - Supereu. O supereu mergulha suas raízes no isso (id) e, de uma maneira implacável, exerce as funções de juiz e sensor em relação ao eu (ego).

Pulsão - Termo surgido na França em 1625, derivado do latim pulsio, para designar o ato de impulsionar. Empregado por Freud a partir de 1905, tornou-se um grande conceito da doutrina psicanalítica, definido como a carga energética que se encontra na origem da atividade motora do organismo e do funcionamento psíquico inconsciente do homem. Pode ser entendido como desejo.

Desejo - Para Freud, essa ideia é empregada no contexto de uma teoria do inconsciente para designar, ao mesmo tempo, a propensão e a realização da propensão. Nesse sentido, o desejo é a realização de um anseio ou voto inconsciente. Satisfação de um anseio inconsciente.

Recalque - Para Sigmund Freud, o recalque designa o processo que visa manter no inconsciente todas as ideias e representações ligadas às pulsões e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes suas definições e seu campo de ação, considera que o recalque é constituído do núcleo original do inconsciente.

Princípio de prazer e Princípio de realidade - Par de expressões introduzidas por Freud em 1911, a fim de designar os dois princípios que regem o funcionamento psíquico. O primeiro tem por objetivo proporcionar prazer e evitar o desprazer, sem entraves nem limites (como o lactente no seio da mãe, por exemplo), e o segundo modifica o primeiro, impondo-lhe as restrições necessárias à adaptação à realidade externa.

Neurose - O termo é empregado por Freud para designar uma doença nervosa cujos sintomas simbolizam um conflito psíquico recalado, de origem infantil.

Psiquismo - Região no inconsciente onde as memórias reprimidas, principalmente as da infância, ficam armazenadas.

